

Entre Comunicação e Semiótica, a interação

Eric Landowski

Pesquisador (Paris, CNRS-Sciences Po), diretor da revista *Actes Sémiotiques*, co-diretor do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (PUC-SP).

Resumo

Não há por um lado a Comunicação e, por outro, a Semiótica. Fora dos organogramas oficiais, não há tais unidades que falariam, cada uma, com uma só voz. Do mesmo modo que se distinguem várias abordagens comunicacionais da comunicação, coexistem modos distintos de abordá-la semioticamente. Por dentro de cada disciplina confrontam-se correntes distintas, umas mais tradicionais, outras mais inovadoras. Alguns anos atrás, Muniz Sodré, fundador de uma das correntes mais inovadoras da Comunicação, esboçava, na introdução de seu livro, *As Estratégias sensíveis*, uma discussão com o promotor de uma das linhas mais atuais da Semiótica, a “sociossemiótica”. É esse diálogo que o presente texto pretende prolongar.

Palavras-chave: Comunicação; Semiótica; interação.

Abstract

There does not exist on the one hand “Communication” as a perfectly homogeneous discipline, and on the other hand “Semiotics” as a unified block. Such entities only appear on paper, in official documents. In reality, various approaches to communication, some more traditionalist, others more innovative cohabit and oppose each other inside both disciplines. A few years ago, in the introduction to his book *As Estratégias sensíveis*, Muniz Sodré, the initiator of one of the most avant-garde trends in Communication, started a discussion with the leading figure of French Sociosemiotics. The purpose of the present article is to prolong this dialogue.

Keywords: Communication; Semiotics; Interaction.

O presente artigo é a versão reescrita por inteiro, em 2015, de um texto inicialmente publicado sob uma forma errada, devido a acidentes técnicos, in A. Primo e A.C. de Oliveira (orgs.), *Comunicação e interações*, Porto Alegre, Sulina-Compós, 2008, pp. 43-70.

No Brasil como em outras partes do mundo, na França ou na Itália por exemplo, a vizinhança entre Comunicação e Semiótica dá lugar a confrontações tensas, para não dizer conflituosas, em muitos Programas de Pós-graduação e nas agências de avaliação. Longe de formas de cooperação entre esses empreendimentos que poder-se-ia imaginar complementares, o espetáculo oferecido relembra o de dois times afrontando-se no estádio. Todavia, se o terreno de encontro, *a mídia*, apresenta-se, empiricamente, como o mesmo para ambos os concorrentes — mesmos jornais, mesma televisão, mesma internet —, a Comunicação, por um lado, e a Semiótica, por outro, concebem-no, epistemologicamente, e o constroem, metodologicamente, enquanto objeto de estudo, com perspectivas e ferramentas tão diferentes que é de se perguntar se, apesar de serem institucionalmente irmãs, elas não se colocam de entrada em níveis teóricos suficientemente afastados para excluir todo risco, ou qualquer chance, de se encontrarem no plano intelectual. A rivalidade não seria, nessas condições, tanto (ou mais) de ordem institucional e política, quanto propriamente científica?

Seja como for, a bem olhar, a confrontação não obedece a um esquema binário simples, como no futebol. Ela aproxima-se mais da competição política, onde as lutas, antes de se darem entre partidos, têm lugar dentro deles. Não há por um lado *a Comunicação* e, por outro, *a Semiótica*. Fora dos organogramas oficiais, não há tais unidades que falariam, cada uma, com uma só voz. Do mesmo modo que se distinguem várias abordagens comunicacionais da comunicação, coexistem e rivalizam modos distintos de abordá-la semioticamente. A briga, portanto, desdobra-se. Os lugares de confronto proliferam por dentro de cada disciplina entre correntes opostas e, dentro destas, entre tendências mais tradicionais ou mais inovadoras. Isso



ARTIGOS
LIVRES

significa que as relações entre os dois campos principais dependem do equilíbrio instável que se estabelece entre as orientações competindo dentro de cada um deles.

Outro fator contribui também para animar a controvérsia. É sua dimensão internacional, devida em particular à vitalidade das relações entre Brasil e França. Para nós, é boa a notícia de que um número apreciável de especialistas franceses, tanto da Semiótica quanto da Comunicação, estão entre os autores estrangeiros mais citados nos programas de Comunicação brasileiros¹. Reciprocamente, sempre houve pesquisadores franceses, próximos ou da Semiótica (como, outrora, Michel de Certeau) ou da Comunicação (por exemplo, hoje, Michel Maffesoli) cujo pensamento foi fortemente estimulado por seus encontros com a cultura e os estudiosos brasileiros. Essa tradição de intercâmbios continua. Assim, há alguns anos, Muniz Sodré, na introdução de seu livro bem conhecido, *As Estratégias sensíveis*, esboçava uma discussão com um semiótico de língua francesa, o autor dessas linhas². A esse gesto de abertura gostaríamos de responder aqui.

Nossa resposta, entretanto, não será a da Semiótica (francesa) à Comunicação (brasileira). Já sublinhamos, tais unidades monolíticas não existem. Evitaremos, portanto, de considerar nosso colega como o representante da Comunicação no seu país; e do mesmo modo, rechaçaremos toda pretensão de falar em nome da Semiótica no nosso. Esperamo-lo, talvez possa o interesse da discussão decorrer precisamente do fato de que, no caso, os interlocutores, longe de expressarem qualquer ortodoxia, nem mesmo a posição *mainstream* nas suas respectivas áreas, sejam, cada um a seu modo, *marginais* dentro da própria tribo — veremos daqui a pouco em que sentido.

O livro de Muniz Sodré situa a reflexão sobre um plano teórico no qual não surgem incompatibilidades

1 Cf. Raúl Fuentes Navarro, “Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México”, *MATRIZES*, 1, 2007.

2 Muniz Sodré, *As Estratégias Sensíveis. Afeto, mídia e política*, Rio de Janeiro, Vozes, 2006 (Introdução, pp. 9-16). (Mas adiante no texto, ES e número de página.)

radicais com a abordagem interacional que propõe a Semiótica tal como a concebemos. Encontramos ao contrário vários pontos de convergência. O primeiro se refere ao tema mesmo da obra: o estatuto e as estratégias *do sensível* na mídia e na política. Outro decorre da *postura epistemológica* original que o autor adota no quadro dos estudos da comunicação, ou, talvez seja mais exato dizer, à margem mais avançada deles.

O reconhecimento de tais convergências supõe, todavia, como em qualquer controvérsia intelectual, um pacto conversacional. Para se entender, necessita-se no mínimo que não se confundam dois tipos de desacordos eventuais. Uns podem ser de ordem propriamente teórica. Identificá-los necessita uma leitura atenta e um cotejo nítido das produções respectivas. Outros, mais frequentes embora fictícios (mas não, por isso, menos persistentes), provêm, no oposto, da não escuta mútua, cada interlocutor julgando que o discurso do outro, desde que se origina no campo adverso, pode somente repetir erros já conhecidos — o resultado sendo a vã reiteração de preconceitos e mal-entendidos herdados do passado. Queríamos evitá-los.

Isso dito, a ideia diretriz que norteia o autor ao longo do livro, e que posteriormente ele sistematizou num artigo sobre a “episteme comunicacional”, consiste em propor um importante reajuste na conceptualização da “comunicação”³. Partindo do “comunicativo”, trata-se de passar ao “comunicacional”. Salvo erro, essas noções fazem sentido em três níveis. Ao mesmo tempo que se referem a *processos* midiáticos distintos enquanto objetos de estudo, reenviam a *procedimentos* analíticos e, conseqüentemente, a *posturas* epistemológicas diferentes. Na ótica do *comunicativo* (que, sublinha o autor, domina os estudos correntes), a comunicação reduz-se a um “processo transferencial de informações”. Realizado por um ou outro “instrumento” midiático (jornal, rádio, televisão, internet), tal processo presta-se a análises conduzidas com procedimentos descritivos cujo caráter empírico reflete a postura epistemológica subjacente à concepção funcionalista da mídia, a qual obedece

3 M. Sodré, « Sobre a Episteme comunicacional », *MATRIZES*, 1, 2007, pp. 15-26. (Mas adiante, SE e página.)

pura e simplesmente ao “entendimento comum” (SE, 16). — A definição do *comunicacional* é mais árdua. Não sendo este um conceito dado pelo bom senso, tem-se que construí-lo. Para tanto, é preciso introduzir a ideia de “mídiatização”.

Por mídiatização, entenda-se, [...], não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A mídiatização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação. (SE, 17)

É essa mutação, o “surgimento de uma “outra cultura”, vertebrada pelas tecnologias da informação”, que torna obsoleta a perspectiva precedente e urgente a passagem à epistemologia comunicacional (ES, 14). Face ao que o autor descreve como um *bios* inédito, “o *bios* virtual”, “nova esfera existencial em que estamos todos sensorialmente imersos” (ES, 16), impõe-se a necessidade de ultrapassar os limites das ciências sociais e humanas tradicionais e de promover outra forma de conhecimento, da ordem da *compreensão* (ES, 15), “ao modo daquilo que Deleuze e Guattari chamariam de “ciência nômade”, isto é uma problematização de fluxos, de contingências, sem teoremas e constantes” (SE, 23).

Neste contexto, onde fica “a Semiótica”? O interessante é a posição intermediária que o autor lhe atribui. Se, como se adivinha, ele não a coloca do lado promotor das ciências “nômades”, nem tampouco ele chega a confundi-la com, digamos, as mais trivialmente sedentárias. Ele a situa entre os dois polos, junto com a Antropologia (quer dizer, em boa companhia). Optar “em favor de caminhos semióticos ou antropológicos, escreve Sodré, é abandon[ar] a perspectiva funcionalista da maioria dos trabalhos sociológicos de origem norte-americana” (SE, 16). Vale dizer que tanto a concepção dos *processos* retidos como objetos de estudo, quanto a definição da *postura* epistemológica e dos *procedimentos* analíti-

cos ligados à opção semiótica obedecem a princípios diferentes daqueles que regem a perspectiva “comunicativa”. Eis um primeiro passo importante! Mas depois, será possível outro, mais decisivo? No dizer de Sodré, está claro que não! Que a Semiótica, ao lado da Antropologia, possa ajudar os estudiosos da comunicação a distanciar-se do modelo informacional, que ela permita criticá-lo ou sofisticá-lo, tudo isso acaba somente, conclui ele, em “refinar teoricamente”; sem, por enquanto, “sair do solo ontológico trilhado pelo entendimento comum do que possa ser comunicação” (SE, 16).

Com certeza, afastar-se de um sistema teórico dado não é entrar *ipso facto* na lógica do sistema oposto. A sintaxe do quadrado semiótico permite entender isso... Admitindo que o comunicativo e o comunicacional constituem dois universos contrários, é perfeitamente possível emancipar-se do primeiro e ficar fora do segundo, na posição transitória do que, no nosso jargão, chama-se de subcontrário. Será o destino da Semiótica manter-se assim, parada no meio do caminho, no purgatório do *não-comunicativo*, incapaz de se erguer à altura do *comunicacional* ou de propor outra forma de epistemologia que possa ser considerada equivalente, embora formulada com outra terminologia conceitual? Previamente à discussão deste ponto, convém notar que essa desconfiança manifestada a respeito da aptidão da Semiótica para efetuar o salto qualitativo decisivo não nos parece resultar de um exame documentado e atualizado do modo como os semióticos, na sua diversidade, trabalham hoje. Parece, antes, decorrer do fato que nosso colega satisfaz-se com um *cliché* relativo ao que é “ser semióticoista”: como se diz, e como repete o autor, é ser *estruturalista*⁴. — Por certo, mas é preciso entender-se sobre o valor dessa palavra.

Em termos de prática da pesquisa no dia a dia, a opção estrutural corresponde, para nós, a um trabalho sem fim de crítica e reelaboração dos conceitos, de aprofundamento de suas implicações, de confrontação com o material empírico, de consolidação,

4 Trata-se, evidentemente, dos semióticos da família de Saussure, Mauss, Hjelmslev, Benveniste, Greimas, Barthes, Lévi-Strauss, o que deixa de lado, em particular, os da linha peirciana.

complementação ou complexificação de modelos com valor hipotético e, por definição, provisórios. No oposto, tal como nosso interlocutor a apresenta, ela constitui uma escolha metafísica, com carácter global e definitivo. Daí a substituição do adjetivo “estrutural”, rótulo cômodo para designar um conjunto de princípios heurísticos e um método operacional, pelo substantivo “estruturalista”, termo com valor de estigma aplicado a supostos crentes em dogmas intangíveis. O fato de a Semiótica originar-se no estruturalismo condenaria, portanto, todo semiotista a enxergar o mundo com o mesmo olhar que os fundadores do século passado. Na época, dadas as regularidades descobertas na linguagem, nos mitos, no parentesco, “o ‘homem’ cedia lugar às estruturas — linguísticas, literárias, psicanalíticas, antropológicas, econômicas — na explicação do social” (SE, 23). Seria, conseqüentemente, uma necessidade que, também sob nosso olhar semiótico de hoje, “o sujeito falante ced[er] lugar ao ‘código’, isto é, a uma estrutura independente do sujeito e precedente à mensagem” (*ibid.*).

210 Naturalmente, vamos mostrar que não é assim! Será justo, porém, reconhecer que, ao menos para os que veem a Semiótica de longe, existem razões de ter essa impressão de imutabilidade. Lógico, quem melhor a alimenta, são os porta-vozes institucionalmente mais imóveis da disciplina! Mas a Semiótica estrutural, como a lua, tem duas faces. A que se mostra a todo mundo leva o rótulo lastimável de “Escola” (de Paris⁵) e oferece a imagem de uma disciplina deliberadamente fechada sobre si mesma, pronta a encaixar qualquer objeto nos seus esquemas “canônicos”. No entanto, o que bloqueou assim a reflexão não foi a teoria em si mesma, mas a maneira como parte das gerações formadas nos anos 70-80, período de sistematização da Semiótica greimasiana, tornou-se, uma vez instalada na carreira acadêmica, a teimosa guardiã do “adquirido”, transformando o hipotético e o problemático em ortodoxia estandardizada, como se a conceptualização elaborada na bela época para resolver problemas do momento

fosse a forma acabada de uma “ciência” à qual doravante seria criminal mudar ou acrescentar qualquer coisa.

Encontra-se na outra face uma abordagem mais livre e mais compreensiva, disposta para explorações arriscadas: uma semiótica um tanto transgressiva, e por isso marginalizada, que, liberada da mística do *texto*, se atreve, em particular, a pretender dar conta da apreensão, pelos sujeitos, do sentido oriundo de sua presença imediata e sensível ao mundo, ao outro, a si mesmo. Entretanto, afrontar o holismo da *experiência*, as ambivalências do *vivido*, as modulações do *sensível* não implica desistir da busca de inteligibilidade para cair no impressionismo. Considerando que o sentir e o entender são dimensões indissociavelmente envolvidas em nossas relações com o Outro em geral (inclusive o ambiente — o “bios”), trata-se de dar conta, semioticamente, da *inteligibilidade* do sensível, tanto quanto de abordar *sensivelmente* o inteligível⁶. Por oposição à unilateralidade da conceição da significação enquanto objeto da Semiótica textual estandar, esta segunda face enfatiza a pluralidade dos regimes de produção do sentido⁷. Tal esforço de refundação assemelha-se, nos parece, à maneira como Sodré, mediante a problematiza o do comunicacional, visa à ultrapassagem da abordagem que, no domínio dele, ainda “domina os estudos correntes” embora seus limites estejam, a  também, cada vez mais óbvios. Estrategicamente, nossos projetos são paralelos.

Mas ao passo que Sodré apresenta sua proposta como uma substitui o de paradigmas, como uma ruptura epistemológica radical, nossa visada   mais dial tica. Não proclamamos o fim de uma Semiótica,   qual deveria suceder outra, diferente por completo. Trata-se, quando muito, de relativizar o alcance da teoria dominante, de explicitar seus pressupostos antropológicos e filosóficos e de complementá-la na inten o de dar resposta a preocupa es novas. A Semiótica a favor da qual lidamos  , em suma, a face escondida da *mesma* lua, não um astro novo no c u

6 Cf. « Para uma semiótica sensível », *Educa o & Realidade*, XXX, 2, 2005.

7 Cf. « Unit  del senso, pluralit  di regimi », in G. Marrone et al. (orgs.), *Narrazione ed esperienza. Intorno a una semiotica della vita quotidiana*, Roma, Meltemi, 2007.

da Ci ncia. E se abtemo-nos de falar em ruptura, n o   porque um resto de nostalgia nos impediria de separar-nos da problemática cl ssica, de cuja elabora o participamos durante muitos anos.   porque a *coupure* epistemológica não se deu após a “morte do pai” (1992), entre a teoria que Greimas construiu e a versão alargada que desenvolvamos nas duas últimas décadas. Ela ocorreu já na década de 50, quando a Semiótica estrutural nascente, opondo-se   Semiologia de então (variante européia da problemática funcional cuja outra versão, de origem norte-americana, foi rechaçada mais tarde por Sodré), recusou uma vez por todas a no o de signo enquanto unidade relevante, abandonou a problemática do código e constituiu-se como teoria geral da *significa o*⁸.

O paralelo entre o corte proposto por Sodré e o nosso  , portanto, um pouco mais complexo do que parece. O que está homologável ao *comunicativo* não   a Semiótica greimasiana estándar,   a teoria do signo e do código de G. Mounin e L. Prieto, ou seja, a *Semiologia* dos anos 50. E o desdobramento homologável   perspectiva *comunicacional*   a teoria alargada que estamos construindo sob a denomina o de *Sociossemi tica*⁹. A *Semiótica estándar* apresenta-se, neste quadro, como uma constru o de transi o. Se ela se situou desde o início além do funcionalismo semiológico, e se, agora, ela parece aquém da idéia de uma Semiótica “nômade”,   não obstante a partir dela, alicerçando-se nos seus princípios epistemológicos e mediante uma crítica metódica de seus pressupostos, que se tornou possível a refund o que propomos.

Hoje, após essa longa evolu o por ambos os lados, as reflexões mais avançadas parecem convergir rumo a um mesmo tema, o da *interac o*. Não por acaso, mas porque tendências gerais da episteme guiam os esforços inovadores em dire es comuns. Aplicadas   média, as pesquisas atuais acerca das for-

8 A ruptura com a problemática do signo foi delineada pela primeira vez em A.J. Greimas, « L'actualité du saussurisme », *Le Français Moderne*, 3, 1956. Cf. E. Landowski, « Aquém dos signos e dos códigos » (em « O olhar comprometido »), *Galáxia*, 2, 2001.

9 Cf. « *Sociossemi tica : uma teoria geral do sentido* », *Galáxia*, XIII, 27, 2014 (<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/19609>).

mas de intera o articulam questões de ordem teórica, relativas às condi es de produ o e de apreensão do sentido, com os problemas de interpreta o que tangem ao modo como o desenvolvimento das novas tecnologias transforma essas condi es. Sobre esses pontos, as posi es de Muniz Sodré nos textos já citados são, em boa parte, comparáveis às nossas. Ressaltar primeiro as semelhanças nos permitirá, depois, apontar as divergências e, possivelmente, sugerir modos de ultrapassá-las.

Retomando uma distin o familiar aos semiotistas, Sodré opõe o nível do *enunciado*, em que circula a “informa o”, e o da *enuncia o*, “rela o entre duas subjetividades”, na qual, escreve ele em termos que poderiam ser literalmente os nossos, “o sentido troca a lógica da circula o de valores pela co-presença somática e sensorial dos actantes”¹⁰. Em fun o das circunstâncias da interlocu o, ora um ora outro desses níveis pode ser privilegiado, dando lugar a estratégias discursivas diferenciadas, umas mais “conceituais”, outras mais da ordem do “sentir”, explica o autor. Por nosso lado, distinguimos um regime de produ o da significância no qual tem-se processos de “leitura” que desembocam no reconhecimento de *significa es*, e outro, no qual a emergência do *sentido* pressupõe o que chamamos de processos est sicos de “apreensão” (*saisie*)¹¹. Combinando as formula es de Sodré (entre aspas no que segue) com nossas, pode-se dizer que, por um lado, a *significa o* “se interpreta semanticamente” (enquanto efeito das estratégias enuncivas que regem a leitura dos enunciados), e que, por outro, o *sentido*, apreendido (*saisi*) “nas experiências de contato direto” (colocadas sob a dependência de estratégias enunciativas), “se vive”, mobilizando “o afeto e a tatilidade”, quer dizer, “o sensível” (ES, 13). Daí o título: *As estratégias sensíveis*.

Admitindo que pode “parecer uma contradi o em termos aplicar a idéia de cálculo [estratégico] a uma dimensão pr -representacional” tal como a do “sensível”, o autor dedica a Introdu o do livro   jus-

10 ES, 10. Aham-se formula es quase idênticas em « Para uma semiótica sensível », *art. cit.*, ou em « Poss dants et poss d s », *Passions sans nom*, Paris, PUF, 2004, pp. 73-76.

11 « Para uma semiótica sensível », *art. cit.*

5 Cf. « Le Cercle sémiotique greimassien », *CASA*, XIII, 1, 2015 (<http://seer.fclar.unesp.br/casa/issue/view/529>); tr. ingl., « The Greimassian Semiotic Circle », in Marina Grishakova et al., *Theoretical Schools and Circles in the Twentieth Century Humanities*, Londres, Routledge, 2015.

tificação de tal oxímoro : “ “Estratégias”, por quê ? ”. A argumentação consiste em mostrar que, no campo das “ operações singulares ”, a “ estratégia ” configura-se “ como *eustochia*, a clássica designação grega para a mirada justa sobre uma situação problemática, convocada pela potência sensível do sujeito ou do objeto ” (ES, 11). No nosso próprio modelo, é a um oxímoro da mesma feição e, à primeira vista, não menos esquisito — o de *inteligência sensível* —, que recorreremos para caracterizar o regime interacional do *ajustamento*. A expressão foi forjada pelos antropólogos Pierre Detienne e Jean-Pierre Vernant, ao analisar outra noção grega, a de *mêtis*, vinda da sabedoria prática¹². Como as estratégias às quais Sodré se interessa e como o ajustamento, a *mêtis*, enquanto forma de inteligência, associa sincreticamente o sentir com o entender, o contato com o cálculo, neutralizando a oposição entre somático-patêmico e cognitivo.

Apesar disso, em razão das vantagens que se tem em respeitar na medida do possível o sentido usual das palavras, mesmo ao empregá-las enquanto termos metalingüísticos, evitamos, salvo exceção, o termo “ estratégia ” nos contextos nos quais Sodré o emprega, reservando-o para outro regime de interação, repertoriado de longa data na Semiótica narrativa sob o nome de *manipulação* — regime em que intervêm efetivamente “ cálculos estratégicos ” sob a forma de montagens persuasivas, intercâmbios argumentativos, avaliações dos interesses recíprocos e negociações entre as partes. E quando se tratar de interações no plano sensível (ou, como dizemos, “ estésico ”), em vez de estratégias, falamos em ajustamentos entre actantes. Mas o que importa não são os nomes, e sim o fato de que, sob rótulos diferentes, tratamos de um só e mesmo regime de interação e de sentido, no qual dominam as relações entre *sensibilidades*. Uma vez assim reconhecida, por cada lado, a relevância da dimensão sensível, as divergências aparecem em outros níveis, relativos às formas gerais de teorização e a certas opções interpretativas globais. E aí, dadas as imagens mais difundidas das disciplinas em pauta, surge um paradoxo.

12 P. Detienne e J.-P. Vernant, *Les ruses de l'intelligence. La mêtis des Grecs*, Paris, Flammarion, 1974. Cf. *Interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014, p. 47.

Não se esperaria que seja o teórico da comunicação mais favorável, por princípio epistemológico, à “ problematização de fluxos, de contingências, sem teoremas e constantes ” — e não o semiótico (o estruturalista) — quem alicerça seu raciocínio em categorias surpreendentemente estanques! Contudo, desde o “ comunicacional ” contraposto ao “ comunicativo ” no plano epistemológico, até os “ otimistas ” opostos aos “ pessimistas ” no plano político¹³, passando pelas dicotomias já encontradas (sensorial *versus* conceitual, afeto *versus* razão), descobrimos uma visão de mundo globalmente articulada sob a forma de oposições categóricas superpostas e finalmente homologáveis, como se, em todos os níveis, se tratasse da mesma luta do Bem contra o Mal : para amanhã, a promessa da salvação na “ comunidade afetiva ” *versus* a hegemonia secular da “ razão instrumental ” (ES, 12-13, 17, 66 e *passim*).

Surpreendente também poderá parecer, no sentido inverso, o fato de que, a pesar de ficar norteada pela busca de constantes (senão de teoremas), a perspectiva estrutural que adotamos nos conduza rumo a uma forma de modelização cujo objetivo é, antes de mais nada, dar conta da *complexidade* inerente a nossos objetos, das *ambivalências* das motivações, da *instabilidade* das situações e das *reviravoltas* dos processos. Tratando-se, por exemplo, da relação entre afeto e cálculo, não é o paradigma enquanto tal que nos parece mais relevante, mas as sintagmáticas e as dinâmicas que decorrem do *co-atuar* entre seus termos: não “ o afeto ” *versus* “ o cálculo ”, e sim os *cálculos do afeto*, ou, no outro sentido, os *afetos do cálculo*, ou seja a paixão, a obsessão, a loucura manipulatória¹⁴. Pois, ao observar as práticas, constatamos que na maior parte dos casos os pólos das categorias deste gênero, em vez de mutuamente se excluir como se fossem essências inimigas, implicam-se reciprocamente, superpondo ou combinando-se de mil maneiras.

Ao projetar assim, sobre a cena social e em particular midiática, um olhar que privilegia a complexi-

13 Por um lado, Toni Negri, André Gorz, Gianni Vattimo, por outro, Jean Baudrillard (ES, 60-63).

14 A propósito das paixões atadas à manipulação, tanto quanto a outros regimes de interação, cf. *Interações arriscadas*, op. cit., p. 104.

dade a despeito da categorização, estamos, no fundo, de acordo com Muniz Sodré : é bem de relações flutuantes, de “ fluxos ” e de interações “ contingentes ” — e, muitas vezes, até mesmo aleatórias — que temos de dar conta. O problema é, *como* ? Por nossa parte, acreditamos que é necessário um modelo *rigorosíssimo* na interdefinição dos elementos em jogo, se quisermos dispor de um aparelho conceitual o bastante potente e, ao mesmo tempo, flexível para permitir analisar um espaço no qual tipos distintos de estratégias ou, num plano mais geral, distintos regimes de interação e de sentido, longe de se excluírem mutuamente, interagem, eles mesmos, uns com outros.

Já evocamos dois destes regimes: os da manipulação e do ajustamento. Embora o primeiro seja mais afim com a ideia de cálculo racional e o segundo com as de corporeidade e de sensibilidade, não podemos reduzir sua definição a esse tipo de caracterização. Seria limitar o quadro das análises pela imposição de uma categoria de ordem substancial, inconveniente que só o emprego de conceitos relacionais permite evitar. Por isso, interdefinimos nossos regimes com critérios relativos às *formas do agir* dos actantes em relação uns com os outros, quer dizer a *sintaxes interacionais* distintas. Quando estiver em jogo uma forma qualquer de *adaptação* entre parceiros (cada um deles sendo movido por uma *intencionalidade* calculadora), falamos de “ manipulação ”. Ao contrário, nos casos nos quais o processo interacional se desenvolve na base da descoberta, no ato, de alguma forma de *sintonia* mútua (entre as respectivas *sensibilidades*), reconhecemos figuras de “ ajustamento ”¹⁵.

Está previsível que, no plano empírico, nunca encontraremos casos que correspondam puramente a uma dessas definições e para nada à outra. Encontraremos configurações que, apesar de corresponderem principalmente, segundo certo ponto de vista, seja à primeira, seja à segunda, dependerão ao mesmo tempo, em parte, ou sob outro ângulo, ou num outro patamar, da outra. Por exemplo — combinação frequente na propaganda política e na publicidade — veremos funcionar ajustamentos locais que, enxergados mais globalmente, entram em estra-

15 Cf. *Interações arriscadas*, op. cit., pp. 48-51.

tégias de manipulação¹⁶. Isto não invalida o modelo, pois o que o justifica não é a pretensão, nem sequer a espera que cada processo, cada situação ou cada ator encaixe-se univocamente nesta ou naquela possibilidade teoricamente delineada. Os regimes não são caixas, cada uma com seu rótulo, à maneira das gavetas de um colecionador que teria decidido que tudo o que puder encontrar entrará necessariamente em alguma delas, conformando-se à classificação preestabelecida. Ao contrário, é a regra com os objetos das ciências sociais: eles jamais se conformam, nem a categorias estanques, nem a tipos unívocos.

Ora, quanto mais um objeto se revela irreduzível a uma só das fórmulas hipotetizadas por uma teoria, quanto mais parece tipologicamente “ impuro ”, tanto mais nitidamente interdefinidos e, portanto, distintivos devem ser os instrumentos analíticos disponíveis, se quiser desintricar as combinações e as dosagens que entram na sua composição e lhe dão sua complexidade estrutural ao mesmo tempo que sua “ riqueza ” enquanto fenômeno social. Por essa razão, o bom uso de um modelo como o dos regimes de interação consiste em tomá-lo não como uma grade de classificação dos *objetos* mas à maneira de um instrumento de ótica que ajude a distinguir *articulações* pertinentes na profusão do que se dá a ver, quer dizer, que permita, ao estruturar o real, capturar a pluralidade de seus efeitos de sentido.

Essa forma de conceptualização permite, ademais, admitir configurações de aparência paradoxal, que transgridam a lógica do senso comum subjacente às categorizações substanciais que, mais acima, rechaçamos enquanto articulações no plano epistemológico. As estratégias sensíveis de Sodré são o melhor exemplo de tais configurações não convencionais. Outro, comparável embora inverso, encontra-se com certas formas de ajustamento, que, à diferença das intuitivamente mais óbvias, que privilegiam o plano sensorial (como a dança), se desenrolam aquém do somático. É o que acontece por exemplo quando, no fio — no fogo — da conversa, os interlocutores conseguem reciprocamente “ sen-

16 « La politique spectacle revisitée : manipuler par contagion », in A.M. Lorusso et al. (orgs.), *Versus*, 107 (*Lo spazio della politica. Uno sguardo semiótico*), 2008.

tir” — intuir e antecipar — o pensamento do outro, dando então à relação dialogal, por cognitiva que ela fique, a forma, a graça, até mesmo, quiçá, a volúpia numa dança não entre corpos mas entre intelectos¹⁷. O que, desde logo, não exclui dinâmicas de ajustamento mistas, que envolvam os sujeitos “ corpo e alma ”. Mas, na realidade, não constituiriam estas o caso mais geral, tornando decididamente permeáveis as fronteiras entre o “ corporal ”, o “ afetivo ” e o “ cognitivo ”?

Contudo, na sua maioria, os estudos semióticos sobre mídia ainda seguem privilegiando a dimensão manipulatória. Partindo do postulado banal que a comunicação jornalística, televisual, política, publicitária propaga valores e inventa o que puder para fazer crer nelas e, afinal, “ fazer fazer ” (fazer votar, comprar, agir, etc.), o empenho dos analistas tem sido sobretudo desmontar os dispositivos arrumados com esses fins pelas instâncias produtoras. A Semiótica, como metodologia, oferece instrumentos eficazes para trabalhar neste sentido, uns “ narrativos ”, decorrendo da gramática actancial e modal, outros “ discursivos ”, concebidos para dar conta das estratégias enunciativas. A crítica evidente que se pode fazer é que semelhante problemática restringe a concepção da comunicação a formas de imposição unilateral mais ou menos habilmente escondidas, razão pela qual analisá-las naquela perspectiva equivale a desmistificar, a não ser que seja a denunciar: “ Atrás dos semblantes de transparência, de diálogo, de ajustamento, veja a manipulação ! ”

Mudando a perspectiva, deixando de lado a figura do grande Manipulador onnipresente, um pequeno número de pioneiros abriu, todavia, outras pistas teóricas, antecipando a noção de ajustamento com seu caráter constitutivamente mútuo¹⁸. Paralelamente, a respeito da mídia, partindo da constatação de que “ comunicar ” não se limita a transmitir “ do alto

17 Cf. « Le temps partagé de la danse », *Passions sans nom*, op. cit., pp. 171-177 ; « L'épreuve de l'autre », *Sign Systems Studies*, 34, 2, 2008.

18 Cf. A.J. Greimas, « Semiótica figurativa e semiótica plástica », in A.C. de Oliveira (org.), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004 ; *id.*, *Da Imperfeição*, São Paulo, Hacker, 2002 ; J. Geninasca, « O olhar estético », in *Semiótica plástica*, op. cit. ; J.-M. Floch, *Lecture de Tintin au Tibet*, Paris, PUF, 1997 ; E. Landowski, « Viagem às nascentes do sentido », in I. Assis Silva (org.), *Corpo e Sentido*, São Paulo, Edunesp, 1996.

para baixo ” valores a serem interiorizados por um público relegado na posição de receptor passivo, difundiu-se inclusive entre semioticistas a ideia, não alheia à de “ midiática ” defendida por Sodré, de que os processos em pauta têm o poder de gerar um espaço em si mesmo interacional, dentro do qual efeitos de sentido “ contingentes ” criam-se *em situação*¹⁹. Esse olhar guia também estudos focalizados sobre o encontro midiático enquanto experiência vivida, alicerçada na co-presença em ato, *ao vivo* (ainda que “ mediatizada ”), dos actantes da enunciac o²⁰. Outro questionamento concerne a emergência de formas de sentido configuradas pelo que chamamos de intera o “ por contágio ”²¹. Para operacionalizar a abordagem dessa vertente dos processos comunicacionais, existem, além das ferramentas proporcionadas pela tradicional gramática narrativa e discursiva, outros instrumentos descritivos : os da Semiótica plástica atada   explora o da dimensão *est sica* das rela oes que o sujeito entret m com seu ambiente²². As novas tecnologias tendo criado espaços nos quais se confirma, sob outras formas, a relevância dessa dimensão “ presencial ” da m dia, só podemos concordar com a insistência de Muniz Sodré sobre a necessidade de aprofundar seu estudo.

Todavia, quer se trate de abordagens semióticas, quer das problemáticas desenvolvidas do lado da Comunica o, pretender dar conta das práticas midiáticas recém aparecidas somente com o tipo de instrumentos que acabamos de evocar seria deixar de lado outros aspectos essenciais do objeto. Além

19 Cf. J. Ciaco, *A inova o em discursos publicitários : comunica o, semiótica e marketing*, São Paulo, Estac o das Letras e Cores, 2013 ; L. Pessoa, *Narrativas da segurança no discurso publicitário*, São Paulo, Editora Mackenzie, 2013 ; J.-P. Petitimbert, « Entre l'ordre et le chaos : la pr carit  comme stratégie d'entreprise », *Actes Sémiotiques*, 116, 2013 (<http://epublications.unilim.fr/revues/as/1437>).

20 Cf. Y. Fachine, *Televisão e presença. Uma abordagem semiótica dos g neros informativos*, São Paulo, Estac o das Letras e Cores, 2008 ; A.C. de Oliveira, « As intera oes discursivas na comunica o midiática : estesia e experiência », *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 1, 2009.

21 « Além ou aquém das estratégias, a presença contagiosa », São Paulo, CPS Editora, 2005 ; « Diana, *in vivo* », *Galáxia*, 2, 2001 ; A.C. de Oliveira, « O Jornal como experiência sensível », *Revista da ANPOLL*, v. 21, n. 20, 2006.

22 Cf. A.C. de Oliveira (org.), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004 ; E. Landowski, R. Dorra, A.C. de Oliveira (orgs.), *Semiótica, estesis, est tica*, São Paulo-Puebla, EDUC-UAP, 1999.

das estratégias *stricto sensu* (e de sua tematiza o em termos de manipula o), mas além também das estratégias *sensíveis* (e de sua análise em termos de co-presença, ajustamento ou contágio), a intera o midiática estrutura-se igualmente no quadro de dois outros regimes interacionais que seria um erro ignorar. Curiosamente, apesar de serem intuitivamente não menos familiares que os precedentes, e diretamente relevantes para uma crítica política da m dia, poucos, até hoje, prestaram-lhes a aten o requerida.

Daí que fique por investigar, primeiro, os papeis do regime interacional da *programa o* no conjunto das m dias. Da mesma forma que os precedentes regimes estavam sustentados, respectivamente, pelos princípios de intencionalidade e de sensibilidade, o da programa o alicerça-se na *regularidade*. Definimos essa no o como a constância das rela oes entre interactantes, baseada seja em leis de causalidade, seja (o que mais nos interessa) em estrangimentos de ordem sociocultural que podem apesentar-se como regras, hábitos, rituais ou outros estereótipos comportamentais. Conforme esse princípio, base de toda previsão, o regime da programa o   o da rotina, da maior segurança nos relacionamentos com outrem e com o ambiente, mas, ao mesmo tempo, potencialmente, o do maior controle sobre os indivíduos e os coletivos. Além das ilusões suscitadas pelas promessas da “ interatividade ”, a m dia contemporânea leva essa ameaça também, já mais que esboçada.

Tampouco podemos ignorar o último regime. Diametralmente oposto ao da regularidade programática, pois fundado no princípio da *aleatoriedade*,   o regime do *assentimento*, resignado ou entusiasta, ao evento acidental, imotivado, imprevisto e imprevisível num mundo visto como dramaticamente caótico ou puramente lúdico, mas, em todo caso, sem constantes que permitam o controlar, nem simplesmente fixar a própria identidade e a posi o dentro dele enquanto “ esfera existencial ”. Dadas as formas de encontro, os modos de relacionamento, os estilos de vida que favorecem ou impõem os desenvolvimentos da m dia contemporânea, esse regime parece-nos também impregnar fortemente nosso *bios* globalizado.

Temos assim uma rede de configura oes interconectadas, uma sintaxe geral da intera o. A lógica

que organiza as rela oes entre os regimes que a compõem deixa aberta, entre cada um deles e todos os outros, a possibilidade de idas e voltas, de passagens gradativas ou de bruscas metamorfoses, de transforma oes, superposi oes ou inclus oes da maior diversidade. Isso permite análises finas das mais contingentes ocorrências mas tende a excluir, da parte do semioticista, interpreta oes globais com caráter unívoco e definitivo.

Perto de nós, uns fazem a aposta que estamos deixando o triste reino das regularidades e da racionalidade estratégica característica da “ modernidade ” (o que chamamos de constela o da Prudência — programa oes e manipula oes) e que, ao risco (assumido ?) do acidente, estamos desde já entrando na esfera feliz da Aventura (ajustamentos e assentimento) : visão otimista do *bios* da experiência sensível que, graças às tecnologias mais avançadas (quer dizer, derivadas, pela maior parte, da pesquisa militar norte-americana), supostamente nós espera.   necessário ser pessimista para fazer a aposta inversa ? — Independentemente das convic oes pessoais, seria difícil justificar semioticamente tanto uma quanto outra op o, tão indissociavelmente conectados são os fatores em jogo. O que  , por exemplo, um acidente, senão uma mistura de regularidades (as de ordem social que guiam o pedestre apressado na calçada) e de aleatoriedade (a que, no teto, determina o momento e o trajeto da ca da da telha) ? No choque entre os dois, os regimes mais opostos — rotinas e acaso — se entendem como cúmplices. De modo mais geral, na rede interacional, o que podemos julgar o melhor sempre pressupõe ou implica, possibilita ou mascara seu contrário, deixando a forma do devir essencialmente problemática.

Então, se no fluxo da vida tiver ao menos *uma* constante, qual poderia ser, a não ser a complexidade? Não seria o estudo dela, afinal, o verdadeiro terreno comum para uma intera o produtiva entre nossas disciplinas?

REFERÊNCIAS

ASSIS SILVA, Ignácio (org.). *Corpo e sentido*, São Paulo, Edunesp, 1996

CIACO, João B. S. *A inovação em discursos publicitários : comunicação, semiótica e marketing*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2013.

DETIENNE, Pierre e Jean-Pierre VERNANT. *Les ruses de l'intelligence. La mètis des Grecs*, Paris, Flammarion, 1974.

FECHINE, Yvana. *Televisão e presença. Uma abordagem semiótica dos gêneros informativos*, São Paulo, Estação das Letras e Cores-CPS, 2008.

FLOCH, Jean-Marie. *Les formes de l'empreinte*, Périgueux, Fanlac, 1986.

_____. *Lecture de Tintin au Tibet*. Paris, PUF, 1997.

FUENTES NAVARRO, Raúl. “Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México : uma aproximação da análise comparativa”, *MATRIZES*, 1, 2007.

GENINASCA, Jacques. “O olhar estético”, in A. C. de Oliveira (org.), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004.

GREIMAS, Algirdas J. “L'actualité du saussurisme”, *Le Français Moderne*, 3, 1956.

_____. *Da imperfeição*, São Paulo, Hacker, 2002.

_____. “Semiótica figurativa e Semiótica plástica”, in A. C. de Oliveira (org.), *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004.

LANDOWSKI, Eric. “Viagem às nascentes do sentido”, in I. Assis Silva (org.), *Corpo e Sentido*, São Paulo, Edunesp.

_____. “O olhar comprometido” e “Diana, *in vivo*”, *Galáxia*, 2, 2001.

_____. *Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III*, Paris, PUF, 2004.

_____. “Para uma semiótica sensível”, *Educação & Realidade*, XXX, 2, 2005.

_____. *Além ou aquém das estratégias, a presença contagiosa*, São Paulo, CPS Editora (Documentos, 3), 2005.

_____. “Unità del senso, pluralità di regimi”, in G. Marrone et al. (orgs.), *Narrazione ed esperienza. Intorno a una semiótica della vita quotidiana*, Roma, Meltemi, p. 27-43, 2007.

_____. “L'épreuve de l'autre”, *Sign Systems Studies*, 34, 2, 2008.

_____. “La politique spectacle revisitée : manipuler par contagion”, in A.M. Lorusso et al. (orgs.), *Lo spazio della politica. Uno sguardo semiótico*, *Versus*, 107, 2008.

_____. “Sociossemiótica : uma teoria geral do sentido”, *Galáxia*, XIII, 27 (<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/19609>), 2014.

_____. *Interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.

_____. “Le Cercle sémiotique greimasien”, *CASA*, 13, 1 (<http://seer.fclar.unesp.br/casa/issue/view/529>); tr. ingl., “The Greimasian Semiotic Circle”, in Marina Grishakova et al., *Theoretical Schools and Circles in the Twentieth Century Humanities*, Londres, Routledge, 2015.

_____. com Raúl DORRA e Ana Claudia de OLIVEIRA (orgs.) *Semiótica, estesis, estética*, São Paulo-Puebla, EDUC-UAP, 1999.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.) *Semiótica plástica*, São Paulo, Hacker, 2004.

_____. “O Jornal como experiência sensível”, *Revista da ANPOLL*, 21, n. 20, 2006.

_____. “As interações discursivas na comunicação midiática : estesia e experiência”, *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 1, 2009.

_____. (org.) *As interações sensíveis. Ensaio de sociossemiótica a partir da obra de Eric Landowski*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2013.

PESSÔA, Luíz A. “L'utopie de la sécurité : une lecture socio-sémiotique de la publicité brésilienne des assurances-vie”, *Actes Sémiotiques*, 114 (<http://epublications.unilim.fr/revues/as/1875>), 2011.

_____. *Narrativas da segurança no discurso publicitário : um estudo semiótico*, São Paulo, Editora Mackenzie, 2013.

PETITIMBERT, Jean-Paul. “Entre l'ordre et le chaos : la précarité comme stratégie d'entreprise”, *Actes Sémiotiques*, 116 (<http://epublications.unilim.fr/revues/as/1437>), 2013.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis. Afeto, mídia e política*, Rio de Janeiro, Vozes, 2006.

_____. “Sobre a episteme comunicacional”, *MATRIZES*, 1, 2007.

Recebido em 10 de setembro de 2015.

Aprovado em 15 de maio de 2016.